



## **PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS: O PACIENTE E A FAMÍLIA<sup>1</sup>**

**Bruna Neves Dolberth<sup>2</sup>, Pamela Luísa Gotardo<sup>3</sup>, Pamela Somavila<sup>4</sup>, Clenise Liliane  
Schmidt<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa desenvolvido no IFPR, Campus Palmas. Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem.

<sup>2</sup> Estudante do curso de Enfermagem. E-mail: brunanevesdolberth@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do curso de Enfermagem.

<sup>4</sup> Enfermeira.

<sup>5</sup> Docente do curso de Enfermagem. E-mail: clenise.schmidt@ifpr.edu.br

**Introdução:** Os Cuidados Paliativos (CP) configuram-se como uma abordagem terapêutica voltada a pacientes e seus familiares que enfrentam problemas associados a doenças terminais. A implementação dos CP envolve uma série de disciplinas e saberes, dentre os quais, a equipe de enfermagem se destaca, já que participa mais assídua e proximamente desses pacientes e dos seus familiares. A equipe de enfermagem atua como um elo que intermedeia a interação entre todos os envolvidos no processo de cuidado e também despende mais tempo com pacientes no final da vida quando comparados a outros profissionais de saúde, ainda que os CP devam ser oferecidos de forma multi e interdisciplinar. Tendo em vista a complexidade destes cuidados e o desafio que é colocá-los em prática, é essencial que os profissionais de enfermagem estejam devidamente preparados para que sejam capazes de atender as reais necessidades desse público e oferecer uma assistência adequada seguindo os princípios, filosofia e objetivos dessa modalidade de cuidado. **Objetivos:** Identificar as percepções, os significados e desafios dos profissionais de enfermagem quanto aos cuidados paliativos voltados ao paciente e sua família. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de campo de natureza descritiva com abordagem qualitativa. O estudo foi desenvolvido em um município localizado no sudoeste do Paraná, em instituições de saúde de diferentes níveis de complexidade, incluindo atenção primária à saúde e serviço hospitalar. A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2022 e foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Paraná sob o Parecer nº 5.490.423. Adotou-se como critérios de inclusão ser profissional de enfermagem, estar vinculado a uma das instituições de saúde do município do estudo e atuar nos CP. Como critérios de exclusão considerou-se os profissionais que estavam afastados por motivo de atestado médico, férias ou licença. A coleta se deu por meio de entrevista individual guiada por instrumento semiestruturado, com gravação de áudio para posterior transcrição dos dados. A análise dos resultados foi orientada pela técnica de análise de conteúdo na modalidade temática, segundo Laurence Bardin (1977). **Resultados:** Participaram desta pesquisa 20 profissionais de enfermagem, dos quais 12 atuavam na atenção primária e 8 na área hospitalar. Todos os participantes eram do sexo feminino e a faixa etária variou de 25 a 56 anos, com tempo médio de formação na enfermagem entre 4 meses e 18 anos. Evidenciou-se que grande parte das profissionais apresentam concepções limitadas sobre os cuidados paliativos, demonstrando conhecimento empírico, ou seja, sem conhecimento das bases conceituais e estruturantes dessa modalidade



de cuidados. Quando questionadas sobre a importância de o paciente ter conhecimento sobre seu processo de terminalidade, a maior parte das participantes julga relevante e pertinente esse aspecto e associa o conhecimento da realidade a uma maior aceitação e preparo do paciente para o processo de morte. Entretanto, algumas participantes não consideram necessário expor a situação ao paciente, uma vez que acreditam que isso possa prejudicar o prognóstico e a resposta emocional, o que causaria mais sofrimento. Neste sentido, vale salientar que é direito do paciente saber sobre sua condição de saúde, incluindo diagnósticos suspeitos e diagnósticos confirmados. Sabe-se que falar sobre o processo da doença e a brevidade da vida é algo complexo tanto para os profissionais de saúde como para os familiares e o paciente. Isso reflete na ocorrência da “conspiração do silêncio”, onde o diagnóstico, prognóstico ou gravidade da situação é ocultada do paciente, sem levar em conta o desejo de conhecimento do mesmo. Essa conspiração, ou pacto, pode ser motivada por diferentes causas: tentativa de evitar o sofrimento do paciente, forte paternalismo familiar, dificuldades de comunicação de más notícias, dificuldade de discutir a terminalidade da vida associado a outros tabus. Os pacientes envolvidos nessa “conspiração do silêncio” podem sentir-se isolados, enganados, incompreendidos, ansiosos ou mesmo deprimidos. Além disso, se encontram impossibilitados de encerrar assuntos considerados importantes e estão impedidos da despedida dos envolvidos, enquanto que a família diante deste pacto possui dificuldades no enfrentamento e elaboração do luto. Considera-se que esse contexto se caracteriza como um retrocesso grave na comunicação entre profissionais de saúde e pacientes e deve ser combatida com o desenvolvimento de competências de comunicação. Ainda sobre a comunicação em CP, algumas profissionais referem conversar sobre a morte com os pacientes e seus familiares, enquanto outras afirmam não realizar esse diálogo. Esse resultado evidencia que muitos profissionais acabam focando seu trabalho nas atribuições técnicas, deixando de lado aspectos subjetivos do cuidado. Os CP incluem uma série de aspectos, que contemplam todas as necessidades do paciente, inclusive questões espirituais e psicológicas. Entretanto, apesar dos profissionais realizarem cuidados mais técnicos e atribuírem como CP, estes citam que tentam atender aos desejos dos pacientes terminais, especialmente oportunizar mais tempo ao lado de familiares e amigos, viabilizar o encontro com líder religioso, atender vontades alimentares e promover cuidados com o corpo, que podem ser consideradas formas de humanizar a assistência. **Conclusões:** Os resultados encontrados na pesquisa apontam fragilidades no conhecimento dos CP pelos profissionais de enfermagem, refletindo negativamente na prática assistencial. Observa-se despreparo em relação às bases conceituais e estruturantes dos CP, o que emerge a necessidade de estratégias de educação continuada e permanente por parte dos profissionais e das instituições de saúde onde estes atuam. Outro ponto a ser destacado é a necessidade de fomentar o desenvolvimento de habilidades de comunicação pelos profissionais, uma vez que pode refletir em cuidados mais assertivos e humanizados aos pacientes sob CP e suas famílias. Destaca-se que os resultados encontrados no presente estudo podem estar diretamente relacionados ao fato dos serviços pesquisados não trabalharem com protocolo de cuidados paliativos, inviabilizando que os profissionais de enfermagem direcionem os cuidados de forma a atender as reais demandas dos pacientes e de suas famílias.

**Palavras-chave:** Humanização da assistência; Educação continuada; Doente terminal; Equipe de enfermagem.